

CAPÍTULO 3

Dinâmicas emocionais e resistência política na política de guerra:

contribuições a partir dos conflitos do Oriente Médio

E V Adhishmaya
Aswathy Gopi

doi 10.56365/fnxmbq18

Introdução

A estratégia militar, os interesses geopolíticos e o poder estatal frequentemente moldam nossa compreensão da guerra e do conflito político (Khalifeh, 2025). No entanto, observar esses fenômenos apenas por essas lentes não explica plenamente por que indivíduos e comunidades participam e se engajam em movimentos de resistência, sustentam lutas prolongadas ou se mobilizam coletivamente apesar de riscos imensos (Vrieze, 2024). As experiências emocionais desempenham papel importante na configuração da política em tempos de guerra, influenciando como as pessoas observam, compreendem e reagem aos acontecimentos políticos, percebem a injustiça e respondem à opressão (Cosic *et al*., 2024; Stevens, 2013). Em regiões que vivenciam conflitos por períodos prolongados, como o Oriente Médio, as emoções estão profundamente entrelaçadas à resistência política, à formação de identidades e à mobilização coletiva (Fattah; Fierke, 2009; Nasir, 2025).

Há mais de um século, o Oriente Médio constitui uma arena central de disputas geopolíticas. Legados coloniais, intervenções estrangeiras, lutas ideológicas e competição por recursos moldaram os conflitos na região (Ali, 2022; Saeed, 2025). Esses fatores estruturais produziram ciclos reiterados de guerra, ocupação e resistência, resultando em tensões duradouras (Sarvestany, 2025). As explicações estruturais e institucionais mostram-se insuficientes para compreender e demonstrar a persistência dos movimentos de resistência em diferentes sociedades da região (Joseph *et al*., 2021; Pinto *et al*., 2022). Dinâmicas emocionais como raiva, humilhação, luto, esperança e solidariedade são fundamentais para compreender e avaliar como a resistência emerge e como se mantém ao longo do tempo (Bramsen; Poder, 2014; Bramsen *et al*., 2018).

As emoções não são apenas reações individuais, mas dimensões da ação coletiva moldadas por narrativas sociais, identidades culturais e debates políticos (Reese *et al*., 2019). Elas influenciam o comportamento político de várias formas, incluindo a formação de percepções de ameaça, injustiça e responsabilidade moral (Marcus, 2000). Quando indivíduos enfrentam violência, perda, deslocamento e incerteza durante conflitos armados, as experiências emocionais tendem a se intensificar (Mohammadi; Khaleghi, 2025). A conversão do sofrimento privado em ação política coletiva pode estimular a adesão a movimentos de resistência ou o apoio a lutas mais amplas por autonomia e autodeterminação nacional (Finkel *et al*., 1989; Karatzogianni; Robinson, 2009; Mayall, 1999). A formulação das lutas políticas como defesa da dignidade, da identidade e da sobrevivência comunitária, por meio de narrativas emocionais proeminentes, ajuda a manter movimentos de resistência em muitos conflitos do Oriente Médio (Wadi, 2020). Sentimentos de humilhação associados à intervenção estrangeira frequentemente motivam a mobilização política, gerando raiva e indignação moral (Nilsson, 2020). Ao mesmo tempo, ao reforçarem o compromisso coletivo e a resiliência, emoções como esperança e solidariedade contribuem para a continuidade dos movimentos de resistência (Wlodarczyk *et al*., 2017).

As consequências psicológicas do conflito constituem outra dimensão da política em tempos de guerra (Summerfield, 2000). Desafios prevalentes de saúde mental, incluindo trauma, ansiedade e depressão, podem resultar da exposição prolongada à violência, à instabilidade e à incerteza durante a guerra (Arafat; Hossain, 2025; Raza *et al*., 2023). A conexão entre problemas de saúde mental, sofrimento psicológico e engajamento político é complexa. O trauma pode fragilizar a coesão e a integração social, bem como condicionar o engajamento político; por outro lado, pode fortalecer a identidade coletiva e incitar a resistência quando as comunidades percebem sua sobrevivência e dignidade como ameaçadas (Pakbazi *et al*., 2024). As potências ocidentais frequentemente intervieram em conflitos no Oriente Médio, e essa atuação de atores externos torna mais complexas as dinâmicas emocionais da política de guerra (Anaukwu, 2024). Percepções de injustiça, dominação e resistência são muitas vezes reforçadas entre as populações da região, produzindo fortes respostas emocionais diante dessas intervenções (Lynch, 2014). As dinâmicas emocionais, dentro e fora da região, são influenciadas pela forma como narrativas midiáticas internacionais e discursos políticos alteram e moldam esses conflitos, observados, compreendidos e respondidos em escala global (Pollack, 2002; Karpat, 1991).

Imperialismo e Oriente Médio

O legado do imperialismo moldou de forma significativa a paisagem política contemporânea do Oriente Médio (Shahi, 2025). Ainda hoje, as transformações produzidas por ideologias políticas, instituições, fronteiras territoriais e estruturas sociais modificadas em toda a região, em razão da expansão colonial europeia nos séculos XIX e início do século XX, continuam a impactar os conflitos e os movimentos de resistência no Oriente Médio (Hafez, 2022).

O colapso do Império Otomano, seguido pela Primeira Guerra Mundial, marcou um dos momentos decisivos da história política do Oriente Médio (Kumar, 2025). Durante séculos, o Império Otomano governou um território extenso que incluía grande parte do mundo árabe. O império sustentava um sistema político relativamente flexível e adaptável, que permitia a coexistência de comunidades diversas dentro de uma estrutura imperial mais ampla, embora enfrentasse desafios internos e variações regionais de governança. A destruição desse sistema político abriu espaço para as potências europeias, interessadas em ocupá-lo (Seal, 1992). Os atores coloniais iniciais da região, Grã-Bretanha e França, dividiram vastos territórios em esferas de influência (Lee; Schultz, 2012). O Acordo Sykes-Picot de 1916 caracterizou essa situação como um processo de partilha imperial, ao delinear secretamente como as duas potências exerceriam poder sobre diferentes partes do Oriente Médio após a guerra (Hafez, 2022). A formação de novos Estados, que reuniam comunidades diversas e muitas vezes concorrentes,

resultou dessa partilha imperial que ignorou realidades históricas, étnicas e religiosas (Harik, 1972).

As novas instituições políticas concebidas não respondiam aos interesses das populações políticas locais, mas serviam aos interesses imperiais da administração colonial. As indústrias europeias exploraram os recursos econômicos, restringindo a participação política local (Pollard, 1973). Essas práticas produziram um sentimento de alienação política em muitas comunidades e um ressentimento generalizado (Kern *et al*., 2015). As respostas emocionais ao domínio colonial desempenharam papel importante na formação dos primeiros movimentos de resistência (De Rivera, 2011; Gobodo-Madikizela, 2002). Muitas comunidades perceberam a dominação colonial como uma violação de sua dignidade e uma invasão de sua identidade cultural, o que gerou sentimentos de humilhação e injustiça (Mirraboopa, 2003). Intelectuais, ativistas e líderes políticos frequentemente enunciaram essas queixas emocionais por meio de ideologias nacionalistas que enfatizavam o valor da independência e da autodeterminação (Salmela; Capelos, 2021).

Movimentos anticoloniais emergiram em todo o Oriente Médio, incluindo Egito, Iraque, Síria e Palestina, durante o século XX. Esses movimentos foram expressões emocionais de esperança e frustração coletivas, além de campanhas políticas por independência e liberdade. Líderes nacionalistas frequentemente empregaram narrativas históricas, símbolos culturais e identidades religiosas para mobilizar apoio e fortalecer a unidade e a solidariedade entre populações heterogêneas da região (Tzoreff, 2025). Mesmo após a conquista da independência em meados do século XX, as potências externas continuaram a influenciar os países do Oriente Médio (Voll, 2015). Em sua essência, a política regional foi moldada por rivalidades da Guerra Fria, alianças estratégicas e dependências econômicas. As potências ocidentais mantiveram bases militares, apoiaram determinados regimes políticos e intervieram em conflitos que afetavam seus interesses estratégicos, ao mesmo tempo em que procuravam implementar suas ideias por meio da manipulação e do poder sobre regimes e populações (Yaqub, 2013).

Essas intervenções contínuas ampliaram as percepções de dominação externa e contribuíram para a persistência dos movimentos de resistência (Eriksen *et al*., 2021). Frequentemente, os conflitos políticos foram construídos não apenas como questões internas, mas também como batalhas mais amplas contra a influência ocidental e o controle imperial (Manjapra, 2019). O legado do imperialismo, portanto, permanece como fator central para compreender a política de guerra no Oriente Médio. Experiências históricas de dominação colonial continuam a moldar narrativas emocionais, identidades políticas e movimentos de resistência em toda a região (Pham, 2020; Edwards, 2020; Brocklesby, 2020).

Paisagem emocional da resistência política

As emoções contribuem para a configuração da resistência política durante a guerra (Cosic *et al*., 2024; Mestre-Mestre, 2023). Os conflitos políticos frequentemente provocam reações emocionais profundas, capazes de moldar as percepções e interpretações dos indivíduos sobre os acontecimentos políticos e influenciar suas decisões de participação em ações coletivas (Groenendyk, 2011; Sousa, 2013). Em muitos conflitos do Oriente Médio, emoções como raiva, humilhação, medo, luto e esperança têm orientado os movimentos de resistência (Zilincik, 2022; Bar-Tal *et al*., 2007).

A raiva é uma das emoções mais importantes relacionadas à mobilização política (Grüning; Schubert, 2022). Quando os indivíduos percebem que eles próprios ou suas comunidades estão sendo tratados de forma injusta, a raiva pode incentivá-los a desafiar as estruturas de poder existentes (Xu, 2025). Psicólogos políticos argumentam que a raiva pode resultar em comportamentos de maior disposição ao risco, ao reduzir o medo, fazendo com que indivíduos se disponham a participar de protestos, movimentos de resistência e rebeliões (Schnakenberg; Wayne, 2024). A humilhação constitui uma experiência emocional significativa em contextos de guerra (Vorster *et al*., 2025; Lindner, 2001). Muitas comunidades vivenciam um sentimento coletivo de humilhação e perda de dignidade, especialmente quando submetidas à ocupação ou à dominação política (Jogdand *et al*., 2020).

Narrativas históricas de dominação e opressão colonial, ou experiências contemporâneas de repressão política, podem produzir essas experiências emocionais (Hassans, 2024; Hartmann *et al*., 2019). Movimentos de resistência frequentemente estruturam suas lutas como tentativas de restaurar a dignidade e superar a humilhação (Statman, 2000; Euben, 2015). O medo também desempenha papel complexo na política de guerra (Moreland-Capuia, 2021). Ele pode reduzir a participação política ao enfatizar os riscos associados aos movimentos de resistência e a outros comportamentos políticos (Young, 2018). Forças governantes frequentemente utilizam repressão, vigilância e violência para incutir medo e desencorajar a oposição (Davenport, 2007). Quando as comunidades percebem uma ameaça à sua sobrevivência ou identidade, o medo também pode alimentar a resistência (Hunter, 2020). Indivíduos de sociedades afetadas por conflitos muitas vezes se veem aprisionados em um estado de luto (Duterme, 2020). A violência de guerra resulta na perda de familiares, na destruição de comunidades e no deslocamento de populações (Levy, 2025). O luto coletivo pode fortalecer a solidariedade, conectar indivíduos à sociedade e reforçar o compromisso com movimentos de resistência quando estes vivenciam a violência da guerra (Leitz, 2025). A transformação do luto em símbolo de emoção coletiva ocorre frequentemente por meio de práticas públicas de memória, cerimônias comemorativas e narrativas (Wagoner; Brescó De Luna, 2021).

A esperança é igualmente significativa para sustentar movimentos de resistência ao longo do tempo (Tiwari; Agarwal, 2025). Sem esperança de mudança política ou libertação, movimentos de resistência prolongados seriam difíceis de manter. A esperança é frequentemente gerada por tradições culturais, narrativas históricas e representações sugestivas da luta (Sawyer; Clair, 2021). Canções, poesia, simbolismo religioso e narrativas coletivas são fontes recorrentes de motivação emocional para os movimentos de resistência (Wajed; Saghar, 2023).

O discurso político e a liderança podem influenciar significativamente as emoções (Tokdoğan, 2024). Líderes políticos e ativistas frequentemente empregam enquadramentos emocionais para motivar apoiadores (Grüning; Schubert, 2022). Entre a população, discursos, narrativas midiáticas e eventos simbólicos enfatizam e destacam a injustiça, o sofrimento coletivo e a solidariedade (Naik *et al*., 2025). Em contextos de guerra, ao deslocarem narrativas emocionais entre gerações, grupos políticos transmitem identidades políticas duradouras (Gianolla *et al*., 2024). Narrativas de resistência e luta moldam as atitudes políticas e a paisagem emocional de crianças que cresceram em ambientes afetados por conflitos (Huesmann *et al*., 2016). Compreender as dimensões emocionais da resistência política exige considerar tanto as experiências psicológicas individuais quanto as narrativas sociais e políticas mais amplas. As emoções funcionam como uma fonte poderosa que transforma queixas pessoais em ação política coletiva (Hatibovic *et al*., 2023).

Mobilização de base e formação da identidade coletiva

Um dos principais elementos dos movimentos de resistência na política de guerra é a mobilização de base (Skaidrė, 2019). O sucesso e a continuidade dos movimentos de resistência dependem sobretudo do envolvimento e da participação de indivíduos comuns e comunidades locais, embora líderes políticos e grupos governantes frequentemente recebam maior atenção nos debates sobre conflito (Jankowitz, 2022). A mobilização de base transforma o descontentamento disseminado em ação coletiva organizada, permitindo que comunidades desafiem a dominação política e sustentem esforços de resistência de longo prazo (Vadiati, 2022). A constituição de uma identidade coletiva é fundamental para a mobilização de base (Choup, 2008). A identidade coletiva refere-se ao senso compartilhado de pertencimento e propósito comum que unifica indivíduos dentro de um grupo (Anguelovski; Connolly, 2021). Em contextos de conflito, identidades coletivas frequentemente emergem de experiências semelhantes e compartilhadas de sofrimento, injustiça e marginalização política (Polletta; Jasper, 2001). Essas experiências compartilhadas podem criar vínculos emocionais entre os indivíduos, incentivando-os a perceber suas lutas pessoais como parte de uma luta coletiva mais ampla (Weatherall, 2019).

Em muitos conflitos do Oriente Médio, narrativas de desafios históricos, símbolos culturais e resistência à dominação ocidental moldaram a identidade coletiva. Para

criar uma narrativa que enfatize unidade e resiliência, as comunidades frequentemente se apoiam em memórias compartilhadas de colonialismo, ocupação ou repressão política (Shamsan, 2025; Kumaraswamy, 2006). Essas narrativas políticas ajudam os indivíduos a interpretar suas experiências dentro de um contexto histórico mais amplo e favorecem a participação em movimentos de resistência (Lee, 2017). A mobilização de base frequentemente emerge por meio de redes sociais preexistentes, como famílias, vizinhanças, instituições religiosas e comunidades (Martinez, 2010; Dreier, 1996). Essas redes podem facilitar o compartilhamento de informações, a discussão de desafios políticos e a coordenação de ações coletivas. Reuniões informais, encontros religiosos e espaços comunitários frequentemente funcionam como ambientes de mobilização e educação política (Meziani; Hamouta, 2025).

Mulheres e jovens frequentemente desempenham papel importante nos movimentos de resistência de base. Redes comunitárias de apoio, assistência e participação em protestos e ativismo político foram muitas vezes organizadas por mulheres (Shepherd, 2008). Em contextos nos quais as gerações mais jovens se sentem excluídas dos processos de tomada de decisão política, os movimentos juvenis também se tornam importantes propulsores da mobilização. A formação da identidade coletiva também inclui a construção de narrativas que reforçam a solidariedade (Yalçın; Önal, 2025). Para fortalecer a identidade de grupo e manter o compromisso emocional com os movimentos de resistência, símbolos como bandeiras, canções, tradições culturais e aniversários históricos são frequentemente utilizados (Nepstad, 2004). Esses símbolos funcionam como lembretes de desafios compartilhados e de aspirações por transformações políticas (Kramer; Neale, 1998).

Divisões internas dentro de um grupo, como aquelas baseadas em etnia, religião, ideologia política ou classe, podem gerar tensões nos movimentos de resistência. A formação de uma identidade coletiva nem sempre é simples, pois exige integrar essas divisões (Thome, 1979; Wendt, 1994). Para manter a ação coletiva, líderes e ativistas frequentemente administram essas diferenças (Louis, 2009). Apesar desses desafios e dificuldades, a mobilização de base permanece como uma das forças mais relevantes da política de guerra (Konrad *et al*., 2023). Ao canalizar queixas individuais para a resistência coletiva, os movimentos de base oferecem espaços para que as comunidades desafiem a dominação política e afirmem seus direitos diante de desafios avassaladores (Horowitz, 2012).

Saúde mental e resistência em tempos de guerra

A guerra produz um impacto psicológico profundo sobre indivíduos e comunidades (Priebe *et al*., 2012). Problemas generalizados de saúde mental podem resultar da exposição prolongada à violência, ao deslocamento e à insegurança (Arafat; Hossain, 2025). Condições como trauma, depressão, ansiedade e estresse crônico são comuns em sociedades que

atravessaram conflitos prolongados. Essas consequências psicológicas podem afetar o comportamento político, o bem-estar individual e a mobilização social (Dawes *et al*., 2014). As circunstâncias da guerra frequentemente expõem indivíduos a experiências traumáticas, incluindo a perda de entes queridos, a destruição de casas e o deslocamento forçado (Figley, 2007). Tais experiências podem produzir efeitos psicológicos duradouros na forma como os indivíduos percebem o mundo ao seu redor (Hinde, 1997). Sentimentos de medo, desamparo e incerteza podem se tornar profundamente incorporados à vida cotidiana (Regnoli *et al*., 2024).

Comunidades que vivem em áreas de conflito desenvolvem formas notáveis de resiliência, apesar dos desafios (Akimova *et al*., 2025). Redes de apoio social desempenham papel significativo para ajudar os indivíduos a lidar com as consequências emocionais da guerra (Weinberg *et al*., 2017). Dinâmicas familiares, práticas religiosas e solidariedade comunitária oferecem suporte emocional e promovem ambientes nos quais os indivíduos podem articular suas experiências e atribuir sentido ao sofrimento (Isovaara *et al*., 2006). A resistência política pode, por vezes, funcionar como uma forma de enfrentamento psicológico (Weiss, 2017). Fazer parte de movimentos de resistência pode ajudar os indivíduos a alcançar um senso de agência e propósito, permitindo-lhes superar sentimentos de desamparo (Dries, 2015). Ao se engajarem em ações coletivas, os indivíduos podem sentir que participam ativamente da defesa e da sobrevivência de suas comunidades (Bevan, 2012).

Os desafios de saúde mental e a resistência política mantêm uma relação complexa e multifacetada (Barnetz; Gefen, 2021). A resistência pode expor os indivíduos a riscos adicionais e a estressores psicológicos, ao mesmo tempo em que fortalece empoderamento e solidariedade (Rigakos; Law, 2009; Holahan; Moos, 1987). Movimentos de resistência podem levar a vigilância, prisão, violência e pressão social, o que, por sua vez, pode causar sofrimento psicológico (Holahan; Moos, 1987). Profissionais de saúde mental que atuam em zonas de conflito destacam a importância de compreender os desafios de saúde mental e as dimensões coletivas do trauma (Hamza; Hicks, 2021). Abordagens clínicas tradicionais, centradas exclusivamente no tratamento individual, podem não ser suficientes para os contextos sociais e políticos que moldam as experiências psicológicas em situações de guerra (Alpak *et al*., 2014).

Em contextos de guerra e conflito, intervenções comunitárias em saúde mental têm se mostrado eficazes (Frančišković *et al*., 2008). Essas abordagens enfatizam a importância da cura coletiva, do apoio social e da sensibilidade cultural (Van Citters; Bartels, 2004). Programas que incentivam o diálogo, a educação e a reconstrução comunitária podem restaurar um senso de estabilidade e pertencimento entre as populações afetadas (Sheline, 1990). No campo da psicologia política, compreender a relação entre resistência em tempos de guerra e saúde mental é fundamental (Tannous-Haddad *et al*., 2026). As respostas emocionais ao conflito, incluindo a participação em resistência, ativismo político e organização comunitária, influenciam comportamentos políticos mais amplos e o bem-estar individual.

Resistência política e construção nacional

Os movimentos de resistência historicamente desempenharam papel instrumental na formação de identidades nacionais e paisagens políticas (Yashar, 2007). Em muitas comunidades, as lutas contra a dominação externa, o imperialismo ou a opressão interna serviram como momentos fundacionais que contribuíram para narrativas nacionais e memórias coletivas (Wertsch, 2007). O Oriente Médio oferece diversos exemplos de como movimentos de resistência se vinculam a processos de construção nacional (Tripp, 2013). As lutas anticoloniais durante o século XX influenciaram a formação de identidades nacionais em toda a região (Doran, 2019). Movimentos que combateram o domínio colonial frequentemente compreendiam suas lutas como batalhas pela dignidade nacional, pela preservação cultural e pela independência política. Símbolos de resistência frequentemente se tornam parte central da identidade de um país. Esses símbolos passaram a compor a identidade nacional, e narrativas desse tipo favoreceram a união de populações diversas e o fortalecimento de um senso compartilhado de pertencimento (Matafora *et al*., 2021; Cabral, 1972).

Os movimentos de resistência também influenciam o desenvolvimento de estruturas de governança (Kit, 2014). Por seus papéis nas lutas de libertação, líderes que emergem de movimentos de resistência frequentemente adquirem legitimidade (Richmond, 2010). A transição de um movimento de resistência para uma autoridade governante pode apresentar desafios, e sua autoridade pode estar enraizada não apenas no poder político, mas também na representação simbólica da luta nacional (Maiguashca, 2003). Divisões internas nos movimentos de resistência podem se tornar mais problemáticas e visíveis quando termina a luta externa contra a dominação (Tilly, 1991). A construção nacional pode ser dificultada por visões políticas concorrentes, diferenças ideológicas e disputas de poder (Blanksten, 1967). Ainda que esses desafios existam, o legado emocional da resistência frequentemente permanece como uma força poderosa na formação das identidades políticas. Memórias coletivas de luta, sacrifício e resiliência podem influenciar o discurso político e as atitudes públicas muito depois do fim do conflito ativo.

Potências ocidentais e política emocional

As potências ocidentais (Fattah; Fierke, 2009) influenciam significativamente as dinâmicas emocionais e políticas dos conflitos no Oriente Médio. A forma como a mídia ocidental retrata a experiência do conflito, as intervenções militares, as estratégias diplomáticas e as políticas econômicas influenciou sua interpretação dentro da região e também no plano internacional (Y. Liu, 2013; Tahboun, 2025). A população local passou por fortes perturbações e reações emocionais e psicológicas em razão das intervenções militares externas na região (Villalobos; Sirin, 2016). Muitas comunidades da região percebem essas intervenções como continuidade de padrões históricos de dominação imperial (MacKenzie; MacKenzie, 1992). Essas percepções

podem intensificar sentimentos de raiva, ressentimento e humilhação, fortalecendo os movimentos de resistência.

Em torno dos conflitos, a mídia internacional cria narrativas emocionais que contribuem para a forma como o mundo percebe essas questões (Hoyle *et al*., 2023). Tais narrativas podem afetar a opinião pública e moldar percepções sobre os atores do conflito em meio aos desafios existentes (Carter; Carter, 2021). O enquadramento dos movimentos de resistência, seja como lutas legítimas por autodeterminação, seja como ameaças à segurança, afeta significativamente as respostas internacionais e os resultados diplomáticos (Lee, 2017; Maher, 2010). Os discursos políticos ocidentais frequentemente priorizam preocupações de segurança, estratégias de contraterrorismo e estabilidade geopolítica (Flint; Radil, 2009). O problema de observar a questão por essa lente é que ela evidencia determinados aspectos do conflito, mas negligencia as experiências emocionais das comunidades afetadas (Hutchison; Bleiker, 2015). Tal abordagem pode resultar em formulações de políticas que não enfrentam as causas profundas da resistência e contribuem para a incompreensão dessas comunidades (Harich; Koloffon Rosas, 2021).

As experiências emocionais das populações afetadas e os interesses estratégicos precisam ser considerados em negociações diplomáticas, processos de construção da paz e intervenções internacionais, uma vez que a política emocional das relações internacionais tem impacto decisivo na dinâmica dos conflitos.

Conclusão

Indivíduos e comunidades interpretam dinâmicas e experiências emocionais como elementos centrais do conflito, da resistência e das lutas políticas ao longo do tempo. Por isso, o estudo da política de guerra exige uma compreensão que vá além das estratégias militares e das relações geopolíticas (Volkov, 2025). Legados históricos do imperialismo, intervenções externas e lutas por soberania se entrelaçam aos conflitos em lugares como o Oriente Médio, tornando significativo compreender as dinâmicas emocionais nesses contextos (Falkowski; Jabłońska, 2019; Anderson, 2014).

Durante a guerra, as emoções moldam a resistência política. Queixas emocionais duradouras, oriundas de experiências históricas de dominação imperial, podem influenciar conflitos contemporâneos. A transformação do sofrimento pessoal em ações coletivas pode ser motivada por emoções como raiva, humilhação, luto, medo e esperança. Experiências emocionais são traduzidas em movimentos de resistência organizados por meio da mobilização de base e da formação da identidade coletiva. Uma forte solidariedade e um engajamento político sustentado podem resultar de comunidades que se apoiam em narrativas compartilhadas de luta e identidade cultural. No contexto do conflito político, as consequências psicológicas da guerra destacam a importância de compreender a saúde mental. Resiliência, solidariedade e estratégias coletivas de enfrentamento coexistem com experiências de trauma e sofrimento

psicológico nas sociedades em guerra. Movimentos de resistência podem contribuir para processos de construção nacional ao moldar identidades nacionais e memórias coletivas. Narrativas de luta e sacrifício frequentemente se tornam componentes centrais da identidade política e da consciência histórica. Considerando as dinâmicas internacionais, as potências ocidentais desempenham papel significativo nos conflitos do Oriente Médio e na configuração da política emocional da população. Intervenções externas, narrativas midiáticas e estratégias diplomáticas influenciam as percepções locais e globais do conflito. Em última análise, a compreensão dos movimentos de resistência e da resiliência de comunidades que enfrentam conflitos prolongados exige reconhecer as dimensões emocionais da política de guerra.

Referências

AKIMOVA, O.; ISHCHENKO, A.; PERGA, I. **Community resilience in conflict zones**: Identifying key factors for conflict resolution and recovery potential. [*S. l.*]: SpringerBriefs in international relations, 2025. DOI: https://doi.org/10.1007/978-981-96-2295-5_8.

ALI, S. The roots of present conflicts in the Middle East. **The Researchers**, [*S. l.*], v. 8, n. 1, p. 87-118, 2022. DOI: https://doi.org/10.21276/tr.2022.8.1.AN6.

ALPAK, G. *et al*. Post-traumatic stress disorder among Syrian refugees in Turkey: A cross-sectional study. **International Journal of Psychiatry in Clinical Practice**, [*S. l.*], v. 19, n. 1, p. 45–50, 2014. DOI: https://doi.org/10.3109/13651501.2014.961930.

ANAUKWU, N. O. **Geopolitical Dynamics**: Analyzing the role of the United States of America and European powers in the Middle East. [*S. l.*]: Zenodo (CERN European Organization for Nuclear Research), 2024. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.13335147.

ANDERSON, S. **Lawrence in Arabia**: War, Deceit, Imperial Folly and the Making of the Modern Middle East. [*S. l.*]: Atlantic Books Ltd., 2014.

ANGUELOVSKI, I.; CONNOLLY, J. J. T. **The Green City and social injustice**: 21 Tales from North America and Europe. Abingdon: Routledge, 2021.

ARAFAT, S. M. Y.; HOSSAIN, S. War, socio-political conflict and Geopsychiatry. **Geopsychiatry**, [*S. l.*], v. 3, e100043, 2025. DOI: https://doi.org/10.1016/j.geopsy.2025.100043.

BARNETZ, Z.; GEFEN, S. From "Patient" to "Activist": treatment experiences, changing perceptions, and resistance of mental health survivors. **Journal of Progressive Human Services**, [*S. l.*], v. 33, n. 1, p. 8–39, 2021. DOI: https://doi.org/10.1080/10428232.2021.1987736.

BAR-TAL, D.; HALPERIN, E.; DE RIVERA, J. Collective emotions in conflict situations: societal implications. **Journal of Social Issues**, [*S. l.*], v. 63, n. 2, p. 441-460, 2007.

BEVAN, S. Continuing the collective action dilemma. **Political Research Quarterly**, [*S. l.*], v. 66, n. 3, p. 545–558, 2012. DOI: https://doi.org/10.1177/1065912912456096.

BLANKSTEN, G. I. Ideology and Nation-Building in the contemporary world. *In*: THE INTERNATIONAL STUDIES ASSOCIATION; OXFORD UNIVERSITY PRESS. **International Studies Quarterly**. Oxford: Oxford University Press on behalf of The International Studies Association, 1967. p. 3-11. DOI: https://www.jstor.org/stable/3013987.

BRAMSEN, I.; PODER, P. Theorizing three basic emotional dynamics of conflicts: A

Situational Research agenda. **Peace Research**, [*S. l.*], v. 46, n. 2, p. 51-86, 2014. DOI: https://www.jstor.org/stable/24896065.

BRAMSEN, I.; PODER, P.; BERGHOF FOUNDATION OPERATIONS GMBH. Emotional dynamics in conflict and conflict transformation. *In*: BERGHOF FOUNDATION. **Berghof Handbook for Conflict Transformation**. Berlin; Tübingen: Berghof Foundation, 2018. Disponível em: https://berghof-foundation.org/files/publications/bramsen_poder_handbook.pdf.

BROCKLESBY, J. **Imperialism after Decolonisation**: Britain's Remnants of Empire since 1963 (with Special Reference to the Falkland Islands, the British Indian Ocean Territory and Brunei). Liverpool: Liverpool John Moores University, 2020.

CABRAL, A. Identity and dignity in the National Liberation struggle. **Africa Today**, Indiana, v. 4, p. 39-47, 1972. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/4185262

CARTER, E. B.; CARTER, B. L. Questioning more: RT, Outward-Facing propaganda, and the Post-West world Order. **Security Studies**, [*S. l.*], v. 30, n. 1, p. 49-78, 2021. DOI: https://doi.org/10.1080/09636412.2021.1885730.

CHOUP, A. M. The Formation and Manipulation of Collective Identity: A Framework for analysis. **Social Movement Studies**, [*S. l.*], v. 7, n. 2, p. 191-207, 2008. DOI: https://doi.org/10.1080/14742830802283568.

COSIC, K.; KOPILAS, V.; JOVANOVIC, T. War, emotions, mental health, and artificial intelligence. **Frontiers in Psychology**, [*S. l.*], n. 15, e1394045, 2024. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1394045.

DAVENPORT, C. State repression and political order. **Annual Review of Political Science**, [*S. l.*], v. 10, n. 1, p. 1-23, 2007. DOI: https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.10.101405.143216.

DAWES, C. *et al*. The Relationship between Genes, Psychological Traits, and Political Participation. **American Journal of Political Science**, [*S. l.*], v. 58, n. 4, p. 888-903. DOI: https://doi.org/10.1111/ajps.12100.

DE RIVERA, J. **Emotional climate for peace**. [*S. l.*]: The Encyclopedia of Peace Psychology, 2011. DOI: https://doi.org/10.1002/9780470672532.wbepp097.

DORAN, C. Postcolonialism, anti-colonialism, nationalism and history. **International Studies**, v. 56, n. 2-3, p. 92-108, 2019. DOI: https://doi.org/10.1177/0020881719840257.

DREIER, P. Community Empowerment Strategies: The limits and potential of community organizing in urban neighborhoods. **Cityscape**, [*S. l.*], v. 2, n. 2, p. 121-159, 1996. DOI: https://www.jstor.org/stable/20868413.

DRIES, M. **Freedom, resistance, agency**. Oxford: Oxford University Press eBooks, 2015. DOI: https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198722236.003.0007.

DUTERME, C. A political dimension of grief: Individual and social healing after conflict. **Death Studies**, [*S. l.*], v. 45, n. 1, p. 71-81, 2020. DOI: https://doi.org/10.1080/07481187.2020.1851881.

EDWARDS, L. **Warfare, colonialism and empire in the modern world**. Cambridge: Cambridge Core, 2020. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/books/abs/cambridge-world-history-of-violence/warfare-colonialism-and-empire-in-the-modern-world/7F1F1F498B685F07E11043F0F067B6FA.

ERIKSEN, S. *et al*. Adaptation interventions and their effect on vulnerability in developing countries: Help, hindrance or irrelevance? **World Development**, [*S. l.*], n. 141, e105383, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2020.105383.

EUBEN, R. L. Humiliation and the political mobilization of masculinity. **Political Theory**, [*S. l.*], v. 43, n. 4, p. 500-532, 2015. DOI: https://doi.org/10.1177/0090591715591284.

FALKOWSKI, A.; JABŁOŃSKA, M. Moderators and Mediators of Framing Effects in Political Marketing: Implications for Political Brand Management. **Journal of Political Marketing**, [*S. l.*], v. 19, n. 1-2, p. 34-53, 2019. DOI: https://doi.org/10.1080/15377857.2019.1652221.

FATTAH, K.; FIERKE, K. A clash of emotions: the politics of humiliation and political violence in the Middle East. **European Journal of International Relations**, [*S. l.*], v. 15, n. 1, p. 67-93, 2009. DOI: https://doi.org/10.1177/1354066108100053.

FIGLEY, C. R. **Mapping trauma and its wake**. [*S. l.*: *s. n.*], 2007. DOI: https://doi.org/10.4324/9780203956472.

FINKEL, S. E.; MULLER, E. N.; OPP, K.-D. Personal influence, collective rationality, and mass political action. **The American Political Science Review**, [*S. l.*], v. 83, n. 3, p. 885-903, 1989. DOI: https://www.jstor.org/stable/1962065.

FLINT, C.; RADIL, S. M. Terrorism and Counter-Terrorism: Situating al-Qaeda and the Global War on Terror within Geopolitical Trends and Structures. **Eurasian Geography and Economics**, [*S. l.*], v. 50, n. 2, p. 150-171, 2009. DOI: https://doi.org/10.2747/1539-7216.50.2.150.

FRANČIŠKOVIĆ, T. *et al*. **Health care and community-based interventions for war-traumatized people in Croatia**: Community-based study of service use and Mental health. [*S. l.*: s. n.], 2008. Disponível em: https://hrcak.srce.hr/29261.

GIANOLLA, C.; MÓNICO, L.; CRUZ, M. J. Emotion narratives on the political culture of radical right populist parties in Portugal and Italy. **Politics and Governance**, [*S. l.*], n.

12, 2024. DOI: https://doi.org/10.17645/pag.8556.

GOBODO-MADIKIZELA, P. Remorse, Forgiveness, and Rehumanization: Stories from South Africa. **Journal of Humanistic Psychology**, [*S. l.*], v. 42, n. 1, p. 7-32, 2002. DOI: https://doi.org/10.1177/0022167802421002.

GROENENDYK, E. Current Emotion Research in Political Science: How Emotions Help Democracy Overcome its Collective Action Problem. **Emotion Review**, [*S. l.*], v. 3, n. 4, p. 455-463, 2011. DOI: https://doi.org/10.1177/1754073911410746.

GRÜNING, D. J.; SCHUBERT, T. W. Emotional campaigning in politics: being moved and anger in political ads motivate to support candidate and party. **Frontiers in Psychology**, [*S. l.*], v. 12, e781851, 2022. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.781851.

HAFEZ, A. A. Understanding contemporary Middle East. **Global Academic Journal of Humanities and Social Sciences**, [*S. l.*], v. 4, n. 3, p. 118-123, 2022. DOI: https://doi.org/10.36348/gajhss.2022.v04i03.004.

HAFEZ, A. A. Understanding contemporary Middle East. **Global Academic Journal of Humanities and Social Sciences**, [*S. l.*], v. 4, n. 3, p. 118-123, 2022. DOI: https://doi.org/10.36348/gajhss.2022.v04i03.004.

HAMZA, M. K.; HICKS, M. H. Implementation of mental health services in conflict and post-conflict zones: lessons from Syria. **Avicenna Journal of Medicine**, [*S. l.*], v. 11, n. 1, p. 8-14, 2021. DOI: https://doi.org/10.4103/ajm.ajm_141_20.

HARICH, J.; KOLOFFON ROSAS, M. **Adding a change resistance layer to integrated system models using root cause analysis and problem decomposition**. [*S. l.*: *s. n.*], 2021.

HARIK, I. F. The ethnic revolution and political integration in the Middle East. **International Journal of Middle East Studies**, Cambridge, v. 3, n. 3, p. 303-323. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/162801.

HARTMANN, W. E. *et al*. American Indian historical trauma: Anticolonial prescriptions for healing, resilience, and survivance. **American Psychologist**, [*S. l.*], v. 74, n. 1, p. 6-19, 2019. DOI: https://doi.org/10.1037/amp0000326.

HASSANS, A. **Memory and trauma in historical narratives**. [*S. l.*]: Eurasian Experiment Journal of Arts and Management, 2024. https://www.eejournals.org

HATIBOVIC, F. *et al*. The effects of emotions on the disposition to normative and non-normative political action in the context of the Chilean post-social outburst. **Frontiers in Psychology**, [*S. l.*], v. 14, e1154501, 2023. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1154501.

HINDE, R. A. War: some psychological causes and consequences. **Interdisciplinary Science Reviews**, [*S. l.*], v. 22, n. 3, p. 229-245, 1997. DOI: https://doi.org/10.1179/isr.1997.22.3.229.

HOLAHAN, C. J.; MOOS, R. H. Risk, resistance, and psychological distress: A longitudinal analysis with adults and children. **Journal of Abnormal Psychology**, [*S. l.*], v. 96, n. 1, p. 3-13, 1987. DOI: https://doi.org/10.1037/0021-843x.96.1.3.

HOROWITZ, L. S. Power, profit, protest: Grassroots resistance to industry in the global North. **Capitalism Nature Socialism**, [*S. l.*], v. 23, n. 3, 20-34, 2012. DOI: https://doi.org/10.1080/10455752.2012.702868.

HOYLE, A. *et al*. (2023). Cognitive and emotional responses to Russian State-Sponsored media narratives in international audiences. **Journal of Media Psychology Theories Methods and Applications**, [*S. l.*], v. 35, n. 6, p. 362-374, 2023. DOI: https://doi.org/10.1027/1864-1105/a000371.

HUESMANN, L. R. *et al*. Children's exposure to violent political conflict stimulates aggression at peers by increasing emotional distress, aggressive script rehearsal, and normative beliefs favoring aggression. **Development and Psychopathology**, [*S. l.*], v. 29, n. 1, p. 39-50, 2016. DOI: https://doi.org/10.1017/s0954579416001115.

HUNTER, P. The role of fear in modern societies. **EMBO Reports**, [*S. l.*], v. 22, n. 1, e52157, 2020. DOI: https://doi.org/10.15252/embr.202052157.

HUTCHISON, E.; BLEIKER, R. **Emotion, Politics and War**. Abingdon: Routledge, 2015.

ISOVAARA, S.; ARMAN, M.; REHNSFELDT, A. Family suffering related to war experiences: an interpretative synopsis review of the literature from a caring science perspective. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, [*S. l.*], v. 20, n. 3, p. 241-250, 2006. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1471-6712.2006.00432.x.

JANKOWITZ, S. **Grassroots organizations and peacebuilding**. [*S. l.*]: The Palgrave Encyclopedia of Peace and Conflict Studies, 2022.

JOGDAND, Y.; KHAN, S.; REICHER, S. **The context, content, and claims of humiliation in response to collective victimhood**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

JOSEPH, J. *et al*. Disaster recovery and structural inequalities: A case study of community assertion for justice. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, [*S. l.*], v. 66, e102555, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.ijdrr.2021.102555.

KARATZOGIANNI, A.; ROBINSON, A. P**ower, resistance and conflict in the contemporary world**. Abingdon: Routledge, 2009.

KARPAT, K. H. A Peace to End All Peace: The Fall of the Ottoman Empire and the

Creation of the Modern Middle East by David Fromkin (Book review). **ProQuest**, out. 1991. Disponível em: https://www.proquest.com/openview/7094f17f296150d7365a7778da257a26/1?cbl=1819215&pq-origsite=gscholar.

KERN, A.; MARIEN, S.; HOOGHE, M. Economic crisis and levels of political participation in Europe (2002–2010): the role of resources and grievances. **West European Politics**, [*S. l.*], v. 38, n. 3, p. 465-490, 2015. DOI: https://doi.org/10.1080/01402382.2014.993152.

KHALIFEH, S. The evolution of warfare from conventional to a digital battlefield: an analysis of cyber technology and artificial intelligence in the Lebanese-Israel conflicts. **Defense and Security Studies**, [*S. l.*], v. 6, n. 1, p. 91-102, 2025. DOI: https://doi.org/10.37868/dss.v6.id285.

KIT, C. C. China as "Other". **China Perspectives**, [*S. l.*], v. 1, p. 25-34, 2014. DOI: https://doi.org/10.4000/chinaperspectives.6374.

KONRAD, R.; SOROKOTYAHA, S.; WALKER, D. Humanitarian response by grassroots associations during a military conflict. **Journal of Humanitarian Logistics and Supply Chain Management**, [*S. l.*], v. 14, n. 2, p. 140-159, 2023. DOI: https://doi.org/10.1108/jhlscm-06-2022-0075.

KRAMER, R. M.; NEALE, M. A. **Power and influence in organizations**. [*S. l.*: *s. n.*], 1998.

KUMAR, P. **The Fall of an Empire**: The Dissolution of the Ottoman Empire Post-World War. [*S. l.*]: Political Science Institute, 2025. Disponível em: https://polsci.institute/international-relations-world-history/fall-of-ottoman-empire-post-wwi/.

KUMARASWAMY, P. R. Who am I? The identity crisis in the middle east. **Middle East Review of International Affairs**, [*S. l.*], v. 10, n. 1, p. 63-65, 2006. DOI: https://ciaotest.cc.columbia.edu/olj/meria/meria_mar06/meria_10-1e.pdf.

LEE, A.; SCHULTZ, K. A. Comparing British and French Colonial Legacies: A Discontinuity Analysis of Cameroon. **Quarterly Journal of Political Science**, v. 7, n. 7, p. 1-46, 2012. Disponível em: https://www.rochester.edu/college/faculty/alexander_lee/wp-content/uploads/2014/07/lee-schultz-2012.pdf.

LEE, D. Resistance Dynamics and Social Movement Theory: Conditions, mechanisms, and effects. **Journal of Strategic Security**, [*S. l.*], v. 10, n. 4, p. 42-63, 2017. DOI: https://doi.org/10.5038/1944-0472.10.4.1647.

LEITZ, L. **The politics of grief and mourning**: calls to action and processing emotions. [*S. l.*]: American Behavioral Scientist, 2025.

LEVY, B. S. The impacts of war on health, human rights, and the environment—an overview. **Frontiers in Public Health**, [*S. l.*], v. 13, e1547784, 2025. DOI: https://doi.org/10.3389/fpubh.2025.1547784.

LINDNER, E. G. Humiliation - Trauma that has been overlooked: An analysis based on fieldwork in Germany, Rwanda/Burundi, and Somalia. **Traumatology an International Journal**, [*S. l.*], v. 7, n. 1, p. 43-68, 2001. DOI: https://doi.org/10.1177/153476560100700104.

LIU, Y. On the Great Power Intervention in the Middle East Upheaval and Political Trend in the Middle East. **Journal of Middle Eastern and Islamic Studies (in Asia)**, [*S. l.*], v. 7, n. 2, p. 1-34, 2013. DOI: https://doi.org/10.1080/19370679.2013.12023221.

LOUIS, W. R. Collective action—and then what? **Journal of Social Issues**, [*S. l.*], v. 65, n. 4, p. 727-748, 2009. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2009.01623.x.

LYNCH, C. **Interpreting international politics**. Abingdon: Routledge, 2014.

MACKENZIE, J. M.; MACKENZIE, J. M. **Popular imperialism and the military**: 1850-1950. Manchester: Manchester University Press, 1992.

MAHER, T. V. Threat, resistance, and collective action. **American Sociological Review**, [*S. l.*], v. 75, n. 2, p. 252-272, 2010. DOI: https://doi.org/10.1177/0003122410365305.

MAIGUASHCA, B. Governance and resistance in world politics. **Review of International Studies**, [*S. l.*], v. 29, n. 1, p. 3-28, 2003. DOI: https://doi.org/10.1017/s0260210503005989.

MANJAPRA, K. **Anti-imperialism and interregnum**. Cambridge: Cambridge University Press eBooks, 2019.

MARCUS, G. E. Emotions in politics. **Annual Review of Political Science**, [*S. l.*], v. 3, n. 1, p. 221-250, 2000. DOI: https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.3.1.221.

MARTINEZ, L. M. Politicizing the family: How grassroots organizations mobilize Latinos for political action in Colorado. **Latino Studies**, [*S. l.*], v. 8, n. 4, p. 463-484, 2010. DOI: https://doi.org/10.1057/lst.2010.54.

MATAFORA, B.; HAHN-LAUDENBERG, K.; ABS, H. J. **Assessing the national identity and sense of belonging of students in Germany with immigration backgrounds**. [*S. l.*: *s. n.*], 2021. Disponível em: https://eric.ed.gov/?id=EJ1303462

MAYALL, J. Sovereignty, nationalism, and Self-Determination. **Political Studies**, [*S. l.*], v. 47, n. 3, p. 474-502, 1999. DOI: https://doi.org/10.1111/1467-9248.00213.

MESTRE-MESTRE, E. M. Emotion in Politics In Times of War: A Corpus Pragmatics Study. **Corpus Pragmatics**, [*S. l.*], v. 7, n. 4, p. 323-344, 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s41701-023-00147-w.

MEZIANI, F.; HAMOUTA, F. The role of social networks in the virtual political mobilization of citizens to form an effective cyber public opinion in building decisions.

Social Empowerment Journal, [*S. l.*], v. 7, n. 2, p. 70-81, 2025. DOI: https://doi.org/10.34118/sej.v7i2.4277.

MIRRABOOPA, K. M. Ways of knowing, being and doing: A theoretical framework and methods for indigenous and indigenist re-search. **Journal of Australian Studies**, [*S. l.*], v. 27, n. 76, p. 203-214, 2003. DOI: https://doi.org/10.1080/14443050309387838.

MOHAMMADI, M. R.; KHALEGHI, A. Mental Health Consequences of War: Lessons from Recent Conflicts and Implications for All, Specifically Iranians. **Iranian Journal of Psychiatry**, [*S. l.*], v. 20, n. 4, p. 424-426, 2025. DOI: https://doi.org/10.18502/ijps.v20i4.19677.

MORELAND-CAPUIA, A. The role of fear in politics, politicians, government, and society. *In*: MORELAND-CAPUIA, A. **The Trauma of Racism**. Cham: Springer Cham, 2021. p. 35-61. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-73436-7_3.

NAIK, G. *et al*. The Role of Journalism in Social Movements: A Socio–Media Analysis. **International Journal of Research Publication and Reviews**, [*S. l.*], v. 6, n. 12, p. 941-950, 2025. DOI: https://doi.org/10.55248/gengpi.06.1225.4037.

NASIR, N. **From confusion to conviction**: War as a catalyst for identity consolidation. [*S. l.*]: USKAM, 2025. Disponível em: https://www.uskam.org.tr/makaleler/standard/from-confusion-to-conviction-war-as-a-catalyst-for-identity-consolidation.

NEPSTAD, S. E. Persistent resistance: commitment and community in the Plowshares movement. **Social Problems**, [*S. l.*], v. 51, n. 1, p. 43-60, 2004. DOI: https://doi.org/10.1525/sp.2004.51.1.43.

NILSSON, M. Hezbollah and the framing of resistance. **Third World Quarterly**, [*S. l.*], v. 41, n. 9, p. 1595-1614, 2020. DOI: https://doi.org/10.1080/01436597.2020.1779587.

PAKBAZI, S. S. *et al*. Examining the psychological impact of intergenerational trauma on family dynamics in Post-Conflict societies. **Journal of Psychosociological Research in Family and Culture**, [*S. l.*], v. 2, n. 4, p. 28-35, 2024. DOI: https://doi.org/10.61838/kman.jprfc.2.4.5.

PHAM, P. **Imperialism's Legacy in the Study of Contemporary Politics**: The Case of Hegemonic Stability Theory. [*S. l.*]: E-International Relations, 2020. Disponível em: https://www.e-ir.info/2020/06/22/imperialisms-legacy-in-the-study-of-contemporary-politics-the-case-of-hegemonic-stability-theory/.

PINTO, N.; VERTIZ, B.; BOTERO, A. **Resistance, social reproduction and emerging commitments for collaborative design from the margins**. [*S. l.*]: Proceedings of DRS, 2022.

PIZARRO, J. J. *et al*. Emotional processes, collective behavior, and social movements: A meta-analytic review of collective effervescence outcomes during collective gatherings and demonstrations. **Frontiers in Psychology**, [*S. l.*], v. 13, e974683, 2022. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.974683.

POLLACK, J. Saudi Arabia and The United States, 1931-2002. **Middle East Review of International Affairs**, [*S. l.*], v. 6, n. 3, p. 77-78, 2002. Disponível em: https://ciaotest.cc.columbia.edu/olj/meria/poj02_01.pdf.

POLLARD, S. Industrialization and the European economy. **The Economic History Review**, [*S. l.*], v. 26, n. 4, 1973. DOI: https://doi.org/10.2307/2593702.

POLLETTA, F.; JASPER, J. M. Collective identity and social movements. **Annual Review of Sociology**, [*S. l.*], v. 27, n. 1, p. 283-305, 2001. DOI: https://doi.org/10.1146/annurev.soc.27.1.283.

PRIEBE, S. *et al*. Psychological Symptoms as Long-Term Consequences of War Experiences. **Psychopathology**, [*S. l.*], v. 46, n. 1, p. 45-54, 2012. DOI: https://doi.org/10.1159/000338640.

RAZA, Z. *et al*. Exposure to war and conflict: The individual and inherited epigenetic effects on health, with a focus on post-traumatic stress disorder. **Frontiers in Epidemiology**, [*S. l.*], v. 3, e1066158, 2023. DOI: https://doi.org/10.3389/fepid.2023.1066158.

REESE, G.; ROSENMANN, A.; CAMERON, J. E. **Collective action in a global context**. [*S. l.*]: Elsevier eBooks, 2019. DOI: https://doi.org/10.1016/b978-0-12-812109-2.00006-9.

REGNOLI, G. M.; TIANO, G.; DE ROSA, B. How is the fear of war impacting Italian young adults' mental health? The mediating role of future anxiety and intolerance of uncertainty. **European Journal of Investigation in Health Psychology and Education**, [*S. l.*], v. 14, n. 4, p. 838-855, 2024. DOI: https://doi.org/10.3390/ejihpe14040054.

RICHMOND, O. P. Resistance and the post-liberal peace. **Millennium Journal of International Studies**, [*S. l.*], v. 38, n. 3, p. 665-692, 2010. DOI: https://doi.org/10.1177/0305829810365017.

RIGAKOS, G. S.; LAW, A. Risk, realism and the politics of resistance. **Critical Sociology**, [*S. l.*], v. 35, n. 1, p. 79-103, 2009. DOI: https://doi.org/10.1177/0896920508098658.

Saeed, S. The crises in the Middle East: reshaping the region's geopolitical landscape and altering the global order. **Asian Review of Political Economy**, [*S. l.*], v. 4, n. 1, 2025. DOI: https://doi.org/10.1007/s44216-024-00043-3.

SALMELA, M.; CAPELOS, T. Ressentiment: a complex emotion or an emotional mechanism of psychic defences? **Politics and Governance**, [*S. l.*], v. 9, n. 3, p. 191-203, 2021. DOI: https://doi.org/10.17645/pag.v9i3.4251.

SARVESTANY, R. S. **War**: A Repeated Historical Error and a Structural Obstacle to Sustainable Peace. [*S. l.*]: ResearchGate, 2025. DOI: https://doi.org/10.13140/rg.2.2.35253.95202.

SAWYER, K. B.; CLAIR, J. A. Hope Cultures in Organizations: Tackling the grand Challenge of commercial sex exploitation. **Administrative Science Quarterly**, [*S. l.*], v. 67, n. 2, p. 289-338, 2021. DOI: https://doi.org/10.1177/00018392211055506.

SCHNAKENBERG, K. E.; WAYNE, C. N. Anger and political conflict dynamics. **American Political Science Review**, [*S. l.*], v. 118, n. 3, p. 1158-1173, 2024. DOI: https://doi.org/10.1017/s0003055424000078.

SEAL, T. Roots of conflict: the First World War and the political fragmentation of the Middle East. **Naval War College Review**, [*S. l.*], v. 45, n. 2, p. 69-79, 1992. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/44638065.

SHAHI, R. (2025). The Sykes-Picot Agreement and its Enduring Impact on State Formation and Conflicts in the Middle East. **International Journal of Research Publication and Reviews**, [*S. l.*], v. 6, n 7, p. 1643-1653, 2025. Disponível em: https://ijrpr.com/uploads/V6ISSUE7/IJRPR50230.pdf.

SHAMSAN, B. T. **Memory and Trauma in Post-Colonial Societies**: An Analysis of Collective Memory. [*S. l.*: s. n.], 2025. Disponível em: https://easrjournals.com/index.php/ejhssd/article/view/39.

SHELINE, Y. I. High prevalence of physical illness in a geriatric psychiatric inpatient population. **General Hospital Psychiatry**, [*S. l.*], v. 12, n. 6, p. 396-400, 1990. DOI: https://doi.org/10.1016/0163-8343(90)90008-z.

SHEPHERD, L. **Gender, violence and security**: Discourse as Practice. Londres: Bloomsbury Publishing, 2008.

SKAIDRĖ, Ž. Grassroots activism and sustainable development. *In*: FILHO, W. L. **Encyclopedia of Sustainability in Higher Education**. Cham: Springer Cham, 2019. p. 1-10. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-319-63951-2_281-1.

SOUSA, C. A. Political violence, collective functioning and health: A review of the literature. **Medicine Conflict & Survival**, [*S. l.*], v. 29, n. 3, p. 169-197. DOI: https://doi.org/10.1080/13623699.2013.813109.

STATMAN, D. Humiliation, dignity and self-respect. **Philosophical Psychology**, [*S. l.*], v. 13, n. 4, p. 523-540, 2000. DOI: https://doi.org/10.1080/09515080020007643.

STEVENS, M. J. **Negative emotions and political engagement**. Oxford: Oxford University Press eBooks, 2013.

SUMMERFIELD, D. Conflict and health: War and mental health: a brief overview. **BMJ**, [*S. l.*], v. 321, n. 7255, p. 232-235, 2000. DOI: https://doi.org/10.1136/bmj.321.7255.232.

TAHBOUN, A. **Exploring Western Media Coverage of Post-October 7 and its Impacts on Arab-Western Diplomatic Relations**: A Critical Discourse Analysis of CNN Newspaper and Morgen's Uncensored. [*S. l.*: *s. n.*], 2025. DOI: https://doi.org/10.34874/prsm.cms-vol1iss3.5318.

TANNOUS-HADDAD, L.; BAREL, E.; TZISCHINSKY, O. War-related mental health and resilience: Understanding potential ethnical pathways. **Psychiatry Research**, [*S. l.*], v. 360, e117062, 2026. DOI: https://doi.org/10.1016/j.psychres.2026.117062.

THOME, B. Political activist as participant Observer: Conflicts of Commitment in a study of the Draft Resistance Movement of the 1960's. **Symbolic Interaction**, [*S. l.*], v. 2, n. 1, p. 73-88, 1979. DOI: https://doi.org/10.1525/si.1979.2.1.73.

TILLY, C. Domination, resistance, compliance discourse. **Sociological Forum**, [*S. l.*], v. 6, n. 3, p. 593-602, 1991. DOI: https://www.jstor.org/stable/684522.

TIWARI, A.; AGARWAL, A. Hope and political change: The role of positive emotions in mobilizing social movements. **International Journal of Humanities Social Science and Management (IJHSSM)**, [*S. l.*], v. 5, n. 1, p. 642-651, 2025. Disponível em: https://www.ijhssm.org.

TOKDOĞAN, N. On emotions, politics and political symbols. *In*: TOKDOĞAN, N. **Neo-Ottomanism and the Politics of Emotions in Turkey**. Cham: Palgrave Macmillan, 2024. p. 7-24. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-031-48723-1_2.

TRIPP, C. **The power and the people**: Paths of Resistance in the Middle East. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

TZOREFF, A. The (third) world of yesterday: Global anti-colonial struggles, Palestinian consciousness, and Zionist-colonial alliances. **Journal of Global History**, [*S. l.*], v. 20, n. 3, p. 293-312, 2025. DOI: https://doi.org/10.1017/s1740022824000172.

VADIATI, N. Alternatives to smart cities: A call for consideration of grassroots digital urbanism. **Digital Geography and Society**, [*S. l.*], v. 3, e100030, 2022. DOI: https://doi.org/10.1016/j.diggeo.2022.100030.

VAN CITTERS, A. D.; BARTELS, S. J. A Systematic Review of the Effectiveness of Community-Based Mental Health Outreach Services for Older Adults. **Psychiatric Services**, [*S. l.*], v. 55, n. 11, p. 1237-1249, 2004. DOI: https://doi.org/10.1176/appi.ps.55.11.1237.

VILLALOBOS, J. D.; SIRIN, C. V. The relevance of emotions in presidential public appeals: anger's conditional effect on perceived risk and support for military interventions. **Presidential Studies Quarterly**, [*S. l.*], v. 47, n. 1, p. 146-168, 2016. DOI: https://doi.org/10.1111/psq.12349.

VOLKOV, K. Emotional resistance in the experience war witness trauma. **Psychological Counseling and Psychotherapy**, [*S. l.*], v. 23, p. 54-63, 2025. DOI:

https://doi.org/10.26565/2410-1249-2025-23-08.

VOLL, J. O. **The Middle East in world history since 1750**. Cambridge: Cambridge University Press eBooks, 2015. DOI: https://doi.org/10.1017/cbo9781139196079.019.

VORSTER, A.; DUMONT, K. B.; WALDZUS, S. Humiliation in context: Interactional, emotional, and self-related processes. **European Journal of Personality**, [*S. l.*], v. 40, n. 3, 2025. DOI: https://doi.org/10.1177/08902070251382018.

VRIEZE, P. Movement escalation and mobilization for resistance: From anti-coup protest to 'People's War' in Myanmar. **Political Geography**, [*S. l.*], v. 114, e103165, 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2024.103165.

WADI, H. A. S. Features of resistance literature in the palestinian literature: Ghassan Kanafani's works as examples. **Lakon**: Jurnal Kajian Sastra Dan Budaya, [*S. l.*], v. 9, n. 2, p. 52-61, 2020. DOI: https://doi.org/10.20473/lakon.v9i2.26348.

WAGONER, B.; BRESCÓ DE LUNA, I. Collective grief. In: KØSTER, A.; KOFOD, E. H. **Cultural, Existential and Phenomenological Dimensions of Grief Experience**. Abingdon: Routledge, 2021.Disponível em: https://doi.org/10.4324/9781003099420-17.

WAJED, Z.; SAGHAR, E. Role of poetry and the poet's mission in the awakening of society. **Sprin Journal of Arts Humanities and Social Sciences**, [*S. l.*], v. 2, n. 11, p. 20-30, 2023. DOI: https://doi.org/10.55559/sjahss.v2i11.180.

WEATHERALL, R. Even when those struggles are not our own: Storytelling and solidarity in a feminist social justice organization. **Gender Work and Organization**, [*S. l.*], v. 27, n. 4, p. 471-486, 2019. DOI: https://doi.org/10.1111/gwao.12386.

WEINBERG, M. *et al*. War and Well-Being: The Association between Forgiveness, Social Support, Posttraumatic Stress Disorder, and Well-Being during and after War. **Social Work**, [*S. l.*], v. 62, n. 4, p. 341-348, 2017. DOI: https://doi.org/10.1093/sw/swx043.

WEISS, M. L. Resistance and Resilience: Coping With/Against the State. **Sojourn**: Journal of Social Issues in Southeast Asia, [*S. l.*], v. 32, n. 2, 2017. Disponível em: https://muse.jhu.edu/pub/70/article/665614/summary?casa_token=uS9R8APYt0AAAAAA:6OoChNSl1T_u141uCSTDu5byv1khh36dSKHlUoSpVSNijldO99wHDedpVPnSv_EL3WabWFF5OxAr.

WENDT, A. Collective identity formation and the international state. **American Political Science Review**, [*S. l.*], v. 88, n. 2, p. 384-396, 1994. DOI: https://doi.org/10.2307/2944711.

WERTSCH, J. V. National narratives and the conservative nature of collective memory. **Neohelicon**, [*S. l.*], v. 34, n. 2, p. 23-33, 2007. DOI: https://doi.org/10.1007/s11059-007-2003-9.

XU, M. Reconsider the anger of marginalized communities. **Journal of Marital and Family Therapy**, [*S. l.*], v. 51, n. 2, e70018, 2025. DOI: https://doi.org/10.1111/jmft.70018.

YALÇIN, M. G.; ÖNAL, E. S. Collective memory, social identity and collective future Imagination in the crowd: a case of Anti-Right-Wing protests in Germany. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, [*S. l.*], v. 35, n. 4, 2025. DOI: https://doi.org/10.1002/casp.70142.

YAQUB, S. **The Cold War and the Middle East**. Oxford: Oxford University Press eBooks, 2013. DOI: https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199236961.013.0015.

YASHAR, D. J. Resistance and identity politics in an age of globalization. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, [*S. l.*], v. 610, n. 1, p. 160-181, 2007. DOI: https://doi.org/10.1177/0002716206297960.

YOUNG, L. E. The Psychology of State Repression: fear and dissent decisions in Zimbabwe. **American Political Science Review**, [*S. l.*], v. 113, n. 1, p. 140-155, 2018. DOI: https://doi.org/10.1017/s000305541800076x.

ZILINCIK, S. **The Role of Emotions in Military Strategy (Spring 2022)**. Texas: Texas Digital Library (University of Texas), 2022.

Sobre as autoras

Adhishmaya E V é psicóloga e pesquisadora indiana na área de Psicologia, com interesses em Psicologia da Saúde, Psicologia Social, Psicologia Política e Psicologia Clínica. Atualmente, cursa Doutorado em Psicologia Política na SRM University, AP, na Índia. Possui formação acadêmica pela Central University of Karnataka e experiência prática como estagiária em Psicologia no Dr. S.R. Chandrasekhar Institute of Speech and Hearing e no Louise Mount Hospital.

Dr. Aswathy Gopi é psicóloga, professora assistente no Departamento de Psicologia da SRM University, AP, na Índia, e pesquisadora em saúde organizacional positiva. Possui doutorado em Psicologia pela Central University of Karnataka, mestrado pela Bharathiar University, Coimbatore, e graduação pelo Labour India College, Marangattupilly, Kottayam. Seus interesses de pesquisa abrangem comunicação organizacional, segurança psicológica, cultura organizacional positiva, confiança, colaboração, saúde dos trabalhadores, resiliência e dinâmicas de equipe. É membro da National Academy of Psychology (NAOP) e autora de publicações nas áreas de psicologia, saúde mental, intervenções psicológicas, saúde ocupacional e comportamento em saúde.